

A relação de afinidade entre brasileiros *queer* e língua inglesa: um discurso político e pedagógico

The relationship of affinity between queer Brazilians and English language: a political and pedagogical discourse

Davi Pereira dos Santos¹

Universidade Federal Rural de Pernambuco

João B. Martins de Morais²

Universidade Federal do Agreste de Pernambuco

Resumo

Este trabalho investigou se existiria uma relação entre o interesse pela língua inglesa e brasileiros LGBTQIA+ e qual poderia ser sua causa e possíveis efeitos. Fundamentando-se em estudos como os de Louro (1997), Santos (2019), Silva (2023), apresentamos uma discussão envolvendo aspectos socioculturais, políticos e pedagógicos como a interferência da língua inglesa em questões de identificação e representatividade para as pessoas *queer*, mecanismos/agentes que promovem a língua inglesa; a importância das chamadas “divas do pop”; e a necessidade de refletir sobre o ambiente escolar enquanto espaço de contato entre diferentes pessoas de diferentes sexualidades e gênero, afetando diretamente a todos que ali circulam. Para tal, além do percurso teórico citado, realizamos uma pesquisa de campo com base no modo quanti-qualitativo por meio de um formulário, via *Google Forms*, contendo um questionário direcionado para pessoas de 17 a 30 anos que visava coletar suas percepções acerca de quesitos centrados em língua inglesa e sexualidade, pelo qual obtivemos resultados satisfatórios para a existência dessa conexão entre a população LGBTQIA+ e a língua inglesa, indo de encontro a nossas hipóteses sobre o tema, atestando, principalmente, a grande influência da música para a relação analisada.

Palavras-chave

Cultura Pop. Língua Inglesa. Sexualidade e Gênero. Música. Letramento *Queer*.

¹ Graduado em Letras de línguas portuguesa e inglesa pela Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE) e mestrando no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PROGEL) pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). <https://orcid.org/0000-0003-1412-5130>

² Graduado em Letras de línguas portuguesa e inglesa pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Mestre em Teoria da Literatura pela mesma instituição. Doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professor adjunto na UFAPE. <https://orcid.org/0000-0001-6074-3664>

Abstract

The main aim of this paper was to investigate whether there is a relationship between the interest in the English language and Brazilians LGBTQIA+ and what might be its cause and possible effects. Using texts by Louro (1997), Santos (2019), Silva (2023), and others as a basis, we present a discussion that involves sociocultural, political, and pedagogical aspects, for example: how the English language can interfere with issues of identity and representation for queer people; mechanisms/agents that promote the English language; the importance of the so-called “pop divas”; and the need to reflect on the school environment as a space for contact between different people with diverse sexualities and genders, directly affecting everyone who shares the school environment. In addition to the theoretical path, we carried out a field research based on the quantitative and qualitative methods through a Google Forms questionnaire containing a set of questions aimed at people aged from 17 to 30 years old, to collect their perceptions about issues centered on the English language and sexuality. For it, we obtained satisfactory results concerning the existence of this connection between LGBTQIA+ population and English language, which was in line with our hypotheses on the subject, attesting mainly, great influence of music on the relationship analyzed.

Keywords

Pop Culture. English Language. Sexuality. Music. Queer Literacy.

Introdução

No contexto brasileiro, sexualidade é um tema muito polêmico devido a estigmas arcaicos estabelecidos estruturalmente há muito tempo por doutrinas patriarcais, sexistas e LGBTQfóbicas. Ao falar de temas que entrem nessa área em ambientes comuns, isto é, onde a sociedade em geral circula, a tendência é de que se gerem burburinhos e falácias que atingem os sujeitos que fogem do pressuposto na ordem vigente da sociedade, uma ordem heteronormativa e cisgênero.

Sobre essa ordem, Miskolci (2007) explica que a ordem social contemporânea não difere de uma ordem sexual: sua estrutura está no dualismo hétero/homo, priorizando a heterossexualidade, ratificando-a como natural e, ao mesmo tempo, compulsória. Ele ainda acrescenta que “A heteronormatividade expressa as expectativas, as demandas e as obrigações sociais que derivam do pressuposto da heterossexualidade como natural e, portanto, fundamento da sociedade.” (MISKOLCI, 2007, p.05). Assim, pois, a heteronormatividade compulsória também se revela numa mentalidade machista que também permeia relações homossexuais. A teoria *queer* se insurge, portanto, contra o pensamento dual imposto pela cis-heteronormatividade.

Quanto à temática da língua inglesa por outro lado, esta compõe temas que despertam o interesse dessa mesma sociedade e que tendem a fugir da sua rejeição, dada a importância de aprender o idioma. Sendo assim, a realização deste trabalho parte de textos que indicam a admiração da população LGBTQIA+ direcionada às “divas do pop”, figuras expoentes de língua inglesa, o que nos permite explorar uma possível relação entre a comunidade em questão e o inglês.

A língua inglesa (doravante, LI) se faz presente mundialmente através de diversos meios, desde empréstimos linguísticos a canais midiáticos. Percebemos que essa língua se encontra muito disseminada na população LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Transsexuais, *Queer*, Intersexuais, Assexuais e afins) de uma forma que vai além do aprendizado de regras gramaticais e frases descontextualizadas, mas que, de fato, consegue ser parte da vida de *sujeitos queer*³. Dentro e fora de ambientes de ensino, pessoas LGBTQIA+ demonstram mais simpatia com a LI nos diversos meios que ela se reproduz, desde uma aula às produções populares. Isso foi previamente percebido através do convívio com membros da população em questão dentro e fora de salas de aula. Depois, realizamos uma pesquisa por meio de um questionário distribuído para um público de 17 a 30 anos e, também, em conteúdo de artigos compõem nossos objetos de análise.

Portanto, analisamos se existe uma relação entre LI e *sujeitos queer* e como ela influencia questões identitárias anexadas a aspectos culturais e educacionais. Contudo, esclarecemos que o objetivo desta pesquisa não pretende afirmar que pessoas LGBTQIA+ falam inglês, puramente por serem como são, tampouco que os falantes de inglês são necessariamente LGBTQIA+.

Desse modo, analisamos se, de fato, existe uma relação de afinidade entre a LI e brasileiros LGBTQIA+ e o porquê disso, é o nosso objetivo geral. Com isso, esperamos agregar conhecimento e contribuir, em termos de inclusão, dentro e fora dos muros acadêmicos e, tendo em vista a importância de dar visibilidade à população LGBTQIA+ e os ganhos que o inglês pode proporcionar, é cabível perguntar: qual a razão dessa relação e como ela se dá? Quais efeitos essa relação pode gerar? E como isso pode contribuir para o processo de identificação desses sujeitos?

Para responder a estas perguntas, revisamos algumas produções de autores como Louro (1997), Soares (2014), Souza (2020), entre outros. Pensamos também na hipótese de o fator cultural ser o principal determinante desse fenômeno, pois o inglês é muito difundido através da cultura pop, cultura esta que se faz presente na vida dessas pessoas em diversos meios, como memes, jogos, filmes e, substancialmente, nas músicas em LI cantadas por artistas que trazem letras e performances que cativam fortemente esse público. Acrescentamos ainda o prestígio que a LI tem em nossa sociedade letrada e cujo aprendizado confere em

³ Nomenclatura utilizada para abranger as pluralidades existentes em termos de sexualidade e gênero, como explicaremos melhor mais à frente.

nossa cultura também prestígio para os sujeitos que cultivam essa língua, podendo ser tomado como instrumento de empoderamento intelectual e social.

À vista disso, buscamos explorar essa relação e essa hipótese, na esperança de que esta pesquisa possa contribuir não só para o que já está postulado sobre a influência socio-cultural e troca de saberes entre um grupo, mas também como isso pode impactar no ensino-aprendizagem de LI e para dar mais visibilidade a uma comunidade que é constantemente marginalizada.

Cultura pop

Tratar de língua não é só tratar de educação, é também tratar sobre cultura; neste trabalho afunilamos o conceito de cultura e damos foco ao conceito de cultura pop considerando que é nesse campo onde ocorre o encontro da música em LI e a população LGBTQIA+. Elementos como a moda e a arte também são influência, por isso se fazem pertinentes a contribuir com a nossa exposição. Em seu artigo, Soares (2014) pondera sobre cultura pop como motivante de discussões:

Atribuímos cultura pop, ao conjunto de práticas, experiências e produtos norteados pela lógica midiática, que tem como gênese o entretenimento; se ancora, em grande parte, a partir de modos de produção ligados às indústrias da cultura (música, cinema, televisão, editorial, entre outras) e estabelece formas de fruição e consumo que permeiam um certo senso de comunidade, pertencimento ou compartilhamento de afinidades que situam indivíduos dentro de um sentido transnacional e globalizante (Soares, 2014, p. 01).

Como instrumento inicial para essa discussão, apontamos a cena *Ballroom* no estado de Pernambuco. Trata-se de uma cultura *queer* que surgiu em Nova York, caracterizada por celebrações que englobam categorias de desfile, dança e rimas, expandindo-se em grande escala, também ganhando muito destaque com a série *Pose*⁴ (2018) e, hoje, também presente no Brasil. Silva (2023) pondera sobre o fenômeno do *Ballroom* em Pernambuco, muito representado pelas ditas *kiki houses* (entidades menores que, junto das *major houses*, entidades maiores, operam o *Ballroom*), o movimento empodera pessoas LGBTQIA+. Silva (2023) tece a

⁴ Seriado de televisão e streaming sobre vivências LGBTQIA+.

questão do caráter anglófono⁵ do *Ballroom*, pois trata-se de uma cultura que se origina em um país que tem o inglês como sua língua, os Estados Unidos, assim, caracterizando uma “importação de cultura” (Silva, 2023, p. 48).

Portanto, entendemos que o conceito de língua vai além dos muros de um ambiente escolar e buscamos estabelecer uma conexão entre questões pedagógicas e culturais para apoiar nossa pesquisa e perceber a língua como um elemento peculiar, sendo capaz de auxiliar na construção da identidade de cada pessoa, especialmente, nos membros da população LGBTQIA+. Dessa forma e, tendo em mente a hipótese da cultura, substancialmente, a cultura pop, ser a maior motivadora intrínseca para que ocorra a relação referida, responderemos a essas perguntas adiante.

Aspectos culturais no direcionamento de língua, sexualidade e gênero

O termo *queer* origina-se no inglês com significado de “estranho” e, como afirma Jagose (1997 apud Souza, 2020, p. 36), no melhor dos casos seria uma gíria para “homossexual” e, no pior dos casos, um termo de cunho homofóbico, ela explica:

Recentemente, *queer* chegou a ser usado de maneira diferente, às vezes como um termo guarda-chuva para uma coalizão de autoidentificações sexuais marginalizadas e, por outras vezes, para descrever um modelo teórico nascente que se desenvolveu de estudos gays e lésbicos mais tradicionais. O que está claro [...] é que *queer* é uma categoria no processo de formação. Não é simples que *queer* ainda tenha que se solidificar e tomar um perfil mais consistente, mas ao invés de sua indeterminação na definição, sua elasticidade é uma de suas características constituintes (Jagose, 1997, p.1 apud Souza, 2020, p. 36).

Percebe-se, então, que a própria dinâmica da língua (que aceita empréstimos linguísticos e sofre fenômenos que a modificam) e da própria comunidade a que o termo *queer* se refere, ele foi ressignificado, encontrando-se em um lugar de identidade e empoderamento.

Acrescenta-se que, conforme Fernandes (2015), devido a um atraso de aceitabilidade cultural por parte do Brasil, o termo *queer* parece ser bastante avançado quando comparamos a sociedade brasileira com a norte-americana, onde é bem consolidado. Contudo, por mais que a sociedade brasileira esteja mais familiarizada com questões somente homossexuais (homens gays e mulheres lésbicas), recentemente, o termo *queer* vem sendo popularizado e usado

⁵ A anglofonia é a característica de países que possuem inglês como sua língua — ou uma das.

especialmente pelos membros da população LGBTQIA+, de forma fluída e flexível, para se referir a todos aqueles que não se encaixam na cis-heteronormatividade.

Em adição, Nepumuceno (2007, p. 326, apud Fernandes, 2015, p. 30) explica que o termo passou a ser utilizado também “como um ‘guarda-chuva’ em que se pudesse abrigar as múltiplas sexualidades ‘desviantes’ que não se viam representadas nas expressões gays, lésbicas e homossexuais.” Assim, entendemos *queer* sob uma concepção de pluralidade, comportando todas as identidades que não se encaixam nos padrões da cis-heteronormatividade.

A questão cultural e o soft power

Os elementos culturais são os principais fatores de uma conexão entre os membros da população LGBTQIA+ e a LI. A cultura de países anglófonos, mais especificamente, de origem britânica e estadunidense, está presente em diversos lugares do mundo, criando um consumo global de parâmetros característicos de seus países e ideologias.

Santos (1996) explica que cabem duas concepções para cultura: a primeira remete a todos os aspectos reais de uma sociedade, enquanto a segunda refere-se mais precisamente ao conhecimento, crenças e ideias de um povo em questão. Isso faz com que a semântica do termo abranja vários ideais, ainda que próximos. Cabe acrescentar que Spencer-Oatey (2012) explica que, embora a cultura seja algo que afeta o modo de vida das pessoas de determinado grupo social, cada uma delas terá suas próprias individualidades, ou seja, cada pessoa tem uma reação própria a cada estímulo.

dois bebês nascidos ao mesmo tempo em duas áreas diferentes do mundo, responderão aos estímulos físicos e sociais de formas diferentes. Por exemplo, alguns bebês são ensinados a sorrir para estranhos, enquanto em outros lugares, serão ensinados a sorrir apenas em certas ocasiões. [...] Certamente existem variações no que se diz a respeito ao que é ensinado a criança de família em família, independente da cultura (Spencer-Oatey, 2012, p.12).

Com essa noção, evocamos o conceito de soft power⁶, que, em palavras simples, trata-se de uma maneira do Estado controlar o comportamento de outros, ainda que de maneira mascarada, em seu benefício. Ouríveis (2013, apud Santos, 2019) comenta que o soft power tem a capacidade de permear as interações sociais cotidianas através de instrumentos

⁶ Do inglês, poder brando.

como a cultura, por exemplo, muitas vezes sem esse processo ser percebido por ter sido naturalizado em determinada sociedade.

Nessa perspectiva, voltamos a aludir Santos (1996) que justifica que o poder sempre esteve associado à cultura, pois ela pode funcionar como um instrumento de controle por parte da camada dominante de uma sociedade, bem como a reflexão de Nye Jr. (2008, p.95, apud Santos, 2019, p. 37-38) ao explicar que o soft power surge como uma outra forma de exercício de poder e influência.

O soft power é um marco da política democrática cotidiana. A capacidade de estabelecer preferências tende a estar associada a ativos intangíveis, como uma personalidade atraente, cultura, valores e instituições políticas, e políticas que são vistas como legítimas ou com autoridade moral. Se eu posso fazer você querer fazer o que eu quero, então eu não tenho que forçá-lo a fazer o que você não quer (Nye Jr, 2008, p. 95, *apud* Santos, 2019, p. 37-38).

Ou seja, dado o caráter democrático do soft power, fica claro que, em termos de cultura, não somente o Estado exerce influência, mas também outros agentes, como é o caso da grande mídia, artistas, e das escolas, que, como explica Louro (1997), essas últimas estendem e produzem diferenças e desigualdades, dividindo os sujeitos que ali habitam através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento e hierarquização. Em adição, alguns artistas ao conquistarem seu público fazem com que, além de consumir seus produtos, admire sua imagem e o que esta pode representar para cada sujeito.

Com isso em mente, é pertinente dizer que, das múltiplas ramificações dos conceitos de cultura, o mais acessível seja talvez o de cultura pop e é sobre esse conceito que nos debruçamos. É preciso estar em concordância com o que Soares (2014) pontua ao discernir as concepções de cultura popular, assim, esclarecemos que a cultura folclórica não é o nosso tema. Nos dedicamos à investigação de aspectos da cultura específica do pop, uma cultura de massas, de consumo fácil e rápido.

Como o próprio nome sugere, a cultura pop se estabelece e recebe esse nome, por ser a “cultura do povo”, entretanto, não apenas de um único povo. É uma cultura de grande escala que se manifesta em todo consumo de mídia e seus formatos, como músicas, filmes, jogos, etc. Estudiosos apontam ainda que, por ter sido produzida para as massas, a cultura pop é também um grande instrumento de resistência, já que, por muito tempo, a cultura foi elitizada.

Posto isso, apontamos que é na cultura pop, sobretudo, nas músicas e cantoras do gênero musical pop que se respaldam as conformidades entre a população LGBTQIA+ e a LI. Soares (2014) afirma que

[...] estar imerso na cultura pop é se estender por objetos que falam por clichês, por frases de efeito, por arranjos musicais já excessivamente difundidos, por filmes cujos finais já sabemos, canções cujos versos já ouvimos, refrões que nos arrepiam, cenas de novela que nos fazem chorar, e por aí adiante. O que parece “vazar” naquilo que o bom gosto, a “norma culta”, o valorativo, a “intelectualidade” soam atestar como excessivamente comercial, deliberadamente afetivo e ultra-permissivo, nos interessa. E nos interessa porque, de alguma forma, nos habita (Soares, 2014, p. 03).

A partir das premissas discutidas acima, podemos considerar a cultura pop como um dos fatores que causam a sensação de pertencimento a uma comunidade, na qual são veiculadas diversas relações, afinidades e acolhimento.

A questão das “divas do pop”: influências, identificações e estreitamento de laços

Como dito anteriormente, é no meio musical que se constrói grande parte da afeição com a LI e seus elementos culturais. Isso se dá, em especial, pela simpatia e influência que as cantoras desse espaço conseguem produzir. Elas cativam seu público através de composições que impressionam e causam identificação com temas que vão desde relações amorosas, sua vida pessoal e empoderamento, acrescentadas de performances e poder de rápida popularização e que conferem a elas seu prestígio e, ao seu público, as mais diversas emoções.

Portanto, quem é o público em questão? É um tanto inocente afirmar que as cantoras destinam suas produções para somente um único público, não é isso que queremos dizer. Temos noção de que essas artistas produzem para o grande público, seja ele como for, no entanto, elas sabem do poder e da importância que exercem em determinadas comunidades.

A exemplo disso, Beyoncé é uma cantora que influencia com maestria, indo além do grande público e da população negra, ela também cria laços poderosos com a população LGBTQIA+, trazendo um legado de letras e performances emblemáticas que marcaram uma era e ainda estão redefinindo padrões artísticos contemporâneos, não à toa, a artista foi homenageada no *GLAAD Awards*, uma das principais premiações do meio LGBTQIA+ que, em 2019, conferiu à ela o troféu *Vanguard*, o qual é oferecido a aliados que se destacaram na mídia pelo seu suporte à comunidade.

Outro exemplo é a cantora Madonna, que foi e ainda é uma das gigantes desse meio, titularizada como a *Rainha do Pop*, a artista se consolida com inúmeros prêmios que dão a ela o reconhecimento que merece. Madonna é muito lembrada no meio *queer* por todos os seus feitos artísticos, mas principalmente pelas canções *Express yourself* e *Vogue* que foram marcos

de representatividade para a população LGBTQIA+, além da segunda ser uma alusão direta ao estilo de dança extremamente gestual e característico da população *queer*.

Semelhante a Madonna, temos Lady Gaga que também se destaca com o público *queer* e fortalece essa relação. Em *Born this way*, a cantora traz um discurso que empodera e legitima a existência de pessoas *queer*. A canção ainda inspirou a criação da *Born This Way Foundation*, organização sem fins lucrativos que visa a ajudar jovens que passaram e passam por problemas de saúde mental e eliminar o estigma que essa temática carrega.

Ainda nessa ótica, Taylor Swift, outra gigante norte-americana, apresenta na letra e vídeo de *You need to calm down* diversos elementos característicos do público *queer*: para além da presença da própria Swift no videoclipe, o roteiro traz cores e objetos que fazem apelo à temática e conta com a presença de *Drag Queens*. Com *You need to calm down*, no *VMA 2019*, uma premiação internacional direcionada para artistas do cenário musical, Swift recebeu o prêmio de vídeo do ano e, durante seu discurso de agradecimento, a cantora reiterou a mensagem de seu vídeo e lembrou que, ao seu final, ela divulgava um site com uma petição (a qual já constava mais de meio milhão de assinaturas) reivindicando o “Ato de Igualdade”, o qual diz que todos merecem direitos iguais sob a lei, em suas palavras: “votar por este vídeo, é também acreditar que todos merecemos ser tratados igualmente.”

A isso, cabe acrescentar a fala de Soares (2014):

[...] Como forma de posicionamento de um artista no mercado da música, logicamente, o videoclipe se impõe como uma extensão de um tempo de lazer do indivíduo e modela, com isso, apontamentos e pontos de vista dentro de uma vivência na cultura pop. O videoclipe fornece material simbólico para que indivíduos forjem identidades e modelem comportamentos sociais extensivos aos propostos pelas instâncias da indústria musical. [...] Videoclipes, com suas narrativas e imagens disseminadas, fornecem símbolos, mitos e recursos que ajudam a construir uma cultura comum para a maioria dos indivíduos em muitas regiões do mundo, de forma transnacional e globalizante (Soares, 2014, p. 09).

A lista de artistas é extensa, desde as mais antigas às contemporâneas, de locais de apresentação que variam de praças públicas a óperas. Gross (2000) pondera que as experiências de *gays* na cultura contemporânea variam de experiências *gays* em gerações passadas. Consoante a isso, Jennex (2013) analisa a “adoração de divas” e práticas de escuta e performances por parte de *fandoms*⁷. Ele explica que, apesar de existirem no “reino do *mainstream*”⁸, espaço onde a normatividade também pode se desenvolver, é através dessa conexão entre

⁷ Nome que grupos de fãs de artistas recebem na internet.

⁸ Expressão usada para fazer referência ao espaço digital-cultural em que as produções em questão existem e permeiam-se.

fãs, divas e músicas que o público *queer* consegue “fugir” da repressão dos padrões cis-heteronormativos, criando uma forma de racionalidade que permite que essas pessoas se sintam potencialmente políticas e reconhecidas coletivamente.

Dessa maneira, é esperado que essas pessoas tenham maior afinidade com a LI, haja vista a forma como se encontram no meio cultural proveniente da língua, podendo, inclusive, terem um ritmo próprio de aprendizagem do idioma assimilando sons específicos através do contato com as produções midiáticas, como as músicas. Isso dá margem para duas perspectivas: a primeira é que essa conexão que permeia entre pessoas da população LGBTQIA+ independe de fatores pedagógicos de aprendizagem da língua; a segunda é a possibilidade de utilizar essa conexão dentro do campo pedagógico — ainda que não seja, necessariamente, originada nele —, articulando habilidades e estratégias comunicativamente com uso de contextos reais de fala (Richards; Rogers, 1999) que consigam cativar todos os participantes que ali estão, como também tornando a língua mais receptiva e atrativa a novos convidados.

A questão pedagógica

No Brasil, trabalhar a sexualidade dentro da educação ainda é uma tarefa muito dificultada graças aos tabus que compõem uma sociedade patriarcal que prega uma “verdade absoluta do sexo” que, conforme Butler (2003) se dá por práticas reguladoras empregadas sobre o gênero, os quais têm papel constituinte na identidade dos sujeitos.

Em pesquisas estudadas, como as de Rocha (2012), que trabalhou questões de identidades sexuais em sala de aula através de um mangá, analisamos que, em aulas de língua estrangeira, alguns professores procuram discutir também sobre essa pauta, muitos arriscando romper com os paradigmas impostos por grades curriculares e orientações escolares. Norton (2000) explica que

língua não é somente uma forma neutra de comunicação, mas uma prática que é socialmente construída em eventos, atividades e processos hegemônicos que constituem a vida diária – as práticas que são consideradas normais pela sociedade dominante (Norton, 2000, p.10).

Dessa forma, é pertinente citar a *queerização*⁹ dos letramentos e do campo das práticas pedagógicas sociais que é, justamente, um meio onde a LI é inerente e onde *sujeitos queer* circulam.

⁹ Neologismo usado para fazer referência ao processo de tornar *queer* os ambientes de ensino.

Kleiman (2005, *apud* Souza, 2020, p.42) explica que letramento se trata de um “conjunto de práticas sociais, cujos modos específicos de funcionamento têm implicações importantes para as formas pelas quais os sujeitos envolvidos nessas práticas constroem relações de identidade e poder” e é sob esse pensamento que nos orientamos.

Consoante a isso Griffin e Forwood (1991, *apud* Souza, 2020, p. 42) elucidam sobre o viés ideológico que o termo carrega, pois abriga não só aspectos culturais, mas também estruturas de poder.

a literatura provê várias diferentes definições de letramento e muitos contextos nos quais a palavra letramento é usada. Entretanto, duas coisas estão claras. Primeiro, letramento não é um termo neutro e, segundo, não há definições operacionais precisas para o termo porque provavelmente não haverá concordância de definição de letramento, provavelmente não haverá uma concordância geral do meio de medir letramento (Griffin; Forwood, 1991, p.13).

Tendo isso em mente, é possível perceber a maneira que, devido a não neutralidade, cada letramento comporta uma ideologia e, num meio de ensino de línguas, reforça a ideia de que língua é poder.

Como dito antes, os meios de ensino abrigam pessoas pertencentes à ordem cis-heteronormativa vigente e, também, *sujeitos queer* e, em especial, o ambiente de ensino de LI é o principal difusor da língua alvo entre os estudantes, sendo uma das principais pontes que podem criar ou estreitar a relação entre um *sujeito queer* enquanto estudante e o idioma alvo, podendo, também, criar condições para que essa indução em uma segunda língua seja empoderante e inovadora.

Nessa problemática, urge a necessidade de uma educação que atenda às heterogeneidades existentes. Oliveira (2016) pondera que

imaginar queer deve ser também a capacidade de pensar a partir de epistemologias do Sul (Santos, 2014), a partir de um pensamento que recusa o eurocentrismo e o ocidentalismo na produção dos saberes/poderes/práxis que surgem a partir das lutas contra o colonialismo, o capitalismo e o patriarcado — que eu prefiro aqui definir como as normas de gênero, permitindo aludir simultaneamente às sexualidades, ao gênero, à sua interseccionalidade e ao controle e policiamento das expressões de gênero. Assim, as epistemologias do Sul (Santos, 2014) são para além de geográficas, relativas a modos de conhecimento que produzem a dessubjugação do conhecimento e as modalidades tradicionais da sua legitimação, conhecimentos que servem grupos e movimentos sociais, em vez do desperdício de conhecimentos e do epistemicídio que resulta na supressão do conhecimento subordinado pelos conhecimentos colonizadores ocidentais (Oliveira, 2016, p. 112).

Dessa forma, é importante que os ambientes de ensino e, em especial, os professores estejam prontos para abrigar as singularidades dos estudantes e saibam como articulá-las para a sala de aula, de modo que todos possam ser inclusos, não como disciplinaridade, mas como transdisciplinaridade. Louro (1997) é precisa ao refletir sobre a negligência para com a homossexualidade nas escolas, afetando aqueles que se enquadram nessa comunidade, podendo implicar em crises de identidade e outros problemas, afinal, como deveria ser visto positivamente algo que se aprendeu a rejeitar? A escola deve abrigar as heterogeneidades, não as mascarar, pois quer queira ou não, nenhuma instituição tem o poder de excluir a sexualidade de alguém

[...] Essa presença da sexualidade independe da intenção manifesta ou dos discursos explícitos, da existência ou não de uma disciplina de "educação sexual", da inclusão ou não desses assuntos nos regimentos escolares. A sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se "despir". [...] Portanto, se admitimos que a escola não apenas transmite conhecimentos, nem mesmo apenas os produz, mas que ela também fabrica sujeitos, produz identidades étnicas, de gênero, de classe; se reconhecemos que essas identidades estão sendo produzidas através de relações de desigualdade; se admitimos que a escola está intrinsecamente comprometida com a manutenção de uma sociedade dividida e que faz isso cotidianamente, com nossa participação ou omissão; se acreditamos que a prática escolar é historicamente contingente e que é uma prática política, isto é, que se transforma e pode ser subvertida; e, por fim, se não nos sentimos conformes com essas divisões sociais, então, certamente, encontramos justificativas não apenas para observar, mas, especialmente, para tentar interferir na continuidade dessas desigualdades (Louro, 1997, p. 81-86).

Assim, através dessa *queerização* do ensino, as múltiplas identidades têm seu devido reconhecimento em um espaço pedagógico que comporta todos os participantes, sem dar continuidade às homogeneidades regulares.

Metodologia

Utilizamos a abordagem quanti-qualitativa de pesquisar para o desenvolvimento do trabalho. A escolha dessa abordagem se deu pela necessidade de um levantamento de dados que justificassem a hipótese para o fenômeno em questão. Silveira e Cordova esclarecem que

“[...] a pesquisa quantitativa tende a enfatizar o raciocínio dedutivo, as regras da lógica e os atributos mensuráveis da experiência humana. Por outro lado, a pesquisa qualitativa tende a salientar os aspectos dinâmicos,

holísticos e individuais da experiência humana” (Silveira; Cordova, 2009, p.33).

Dessa forma, foi necessária a junção de ambas as abordagens para que a totalidade do projeto fosse contemplada. Além disso, caracterizamos a pesquisa ainda sob a natureza explicativa que “preocupa-se em identificar fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Ou seja, este tipo de pesquisa explica o porquê das coisas através dos resultados oferecidos.” (Gil *apud* Silveira; Cordova, 2009, p.35).

O desenrolar da pesquisa se deu pela nossa observação prévia sobre fenômeno relatado: a percepção da relação de afinidade entre pessoas LGBTQIA+ e a LI. Após isso, para constatar os dados necessários, utilizamos um questionário via *google forms* que apresentava perguntas com espaço para respostas objetivas de múltipla escolha, mas também proporcionava questões que requiriam respostas subjetivas dos participantes, sendo assim, quanto aos procedimentos, configuramos uma pesquisa de campo.

Resultados e discussão

Através do formulário supracitado, coletamos dados que embasam nossa discussão e justificam as hipóteses previamente citadas. A pesquisa permitiu, para além das questões objetivas, a inserção das subjetividades dos participantes, contribuindo para o cunho quantitativo desta. É importante esclarecer que algumas perguntas apresentam um número menor de respostas quando comparadas a outras, isso se dá pelo caráter subjetivo do questionário, permitindo que os participantes respondessem perguntas que fossem conformes para eles.

Por meio dos dados coletados, percebemos a forte incidência de respostas atestando, especialmente, a conexão linguística-cultural entre os participantes (principalmente os do meio LGBTQIA+, foco de nossa pesquisa) e a língua alvo. Isso também implica na construção identitária desses sujeitos, como indicam algumas das perguntas do nosso formulário.

A exemplo disso, torna-se apropriado lembrar e comentar o nosso primeiro questionamento sobre qual seria a razão da relação entre os *sujeitos queer* e a LI e como ela se daria, que de acordo com nossa coleta, a hipótese da cultura pop como razão primária disso se confirma; curiosamente, ela também é palco para o contato mútuo entre os sujeitos analisados antes mesmo da premissa acerca da LI — abaixo, anexamos alguns dos gráficos produzidos.

Qual sua orientação sexual?

60 respostas

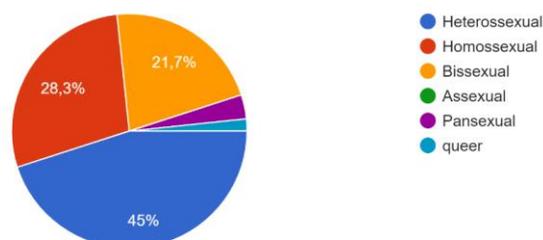


Gráfico 1: Orientação sexual dos participantes.

Você tem alguma forma de contato com pessoas que são da comunidade LGBTQIA+?

60 respostas



Gráfico 2: Contato com pessoas LGBTQIA+

Caso sua resposta tenha sido sim no item anterior, explique como se dá esse contato.

59 respostas

Através de contato virtual e real tanto em jogos quanto em vida pessoal.
vários amigos e pessoas da família, relação super tesnquila
Pessoas da família, amigos, colegas e professores na universidade.
Tenho vários amigos de infância e adolescência e no meu círculo de amizade de trabalho.
No dia a dia, amigos e familiares, por redes sociais e pessoalmente
Jogos online
Trabalho, amigos, ambientes que estudo. Alguns familiares mas não muito próximos.
Parentes e amigos
Círculo de amizades

Gráfico 3: Forma de contato com pessoas LGBTQIA+

Você consome produções da cultura pop? Ex: músicas, filmes, memes, jogos, etc.
60 respostas

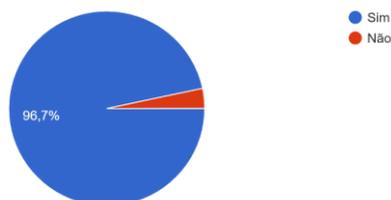


Gráfico 4: Consumo de cultura pop pelos participantes

Caso tenha respondido sim ao item anterior, explique brevemente como se dá esse consumo (Através de músicas? Assistindo filmes/séries/produções televisivas? Por meio de jogos online?, toda maneira é válida)

58 respostas

Sim
Páginas nas redes sociais
Músicas, programas de televisão e jogos on-line.
Todas as opções acima!
Música, série, filmes, jogos online etc
spotify, música, séries e etc
Músicas, filmes, séries e livros.
Séries e músicas

Gráfico 5: Lista das principais respostas sobre como o consumo de cultura pop se dá.

Num primeiro momento é interessante notar que o contato com pessoas LGBTQIA+ é apresentado com um total de 100%, ou seja, todas as pessoas que participaram, independente da sua orientação sexual, têm alguma forma de contato com *sujeitos queer*. Além disso, 96,7% dos participantes possuem em comum o consumo de produções da cultura pop, apontando para o principal elemento de conexão, como mostraremos mais à frente: a música.

Você considera ter fluência em inglês e saber utilizar o idioma situacionalmente?
60 respostas

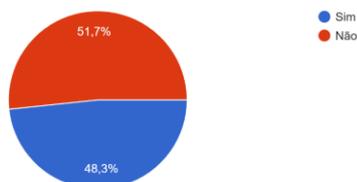


Gráfico 6: Fluência dos participantes em LI.

De 1 a 5, qual seu grau de afinidade com a língua inglesa?
60 respostas

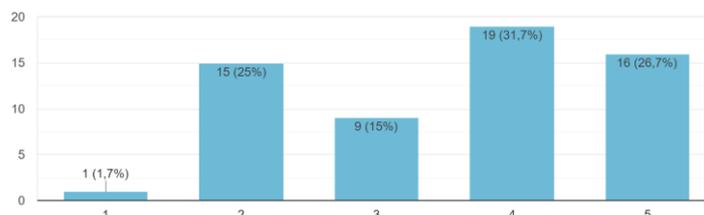


Gráfico 7: Afinidade dos participantes com a LI.

Explique brevemente como se dá seu contato com a língua inglesa e como adquiriu o conhecimento que possui sobre. (Cursos, escola, jogos, músicas, etc.)

60 respostas

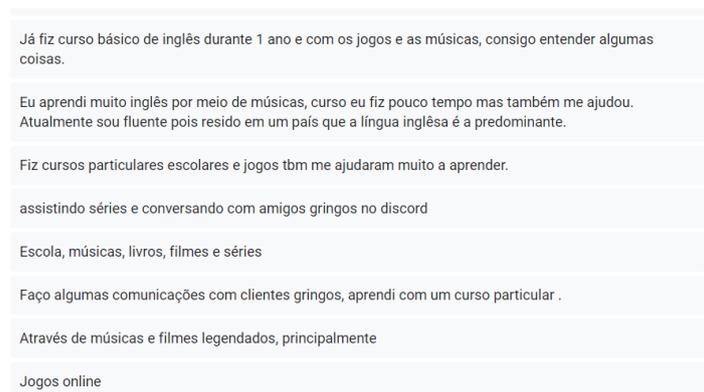


Gráfico 8: Maneira que o contato dos participantes com a LI se dá e como a aprenderam.

Por sua vez, o gráfico 6 é o primeiro a apresentar uma discordância quantitativa entre os participantes: 51,7% responderam não ter fluência com o inglês, enquanto 48,3% responderam com sim. Essa quantidade reflete diretamente nos gráficos seguintes: o gráfico 7 mostra, num grau de 1 a 5, a familiaridade dos participantes com a língua, no entanto, curiosamente, embora 51,7% dos participantes tenham dito não ter fluência em inglês ou utilizar o idioma situacionalmente, as maiores quantidades nos graus foram, respectivamente, o grau 4 (com 31,7%) e o grau 5 (com 26,7), isso pode ser interpretado, talvez, como um traço de insegurança dos participantes ao afirmar se sabem inglês ou não. O gráfico 8 revela como se dá o contato dos participantes com a LI, o que com certeza influencia no grau de afinidade que os participantes marcaram e, apesar de muitas respostas, o conteúdo era uníssono: a presença de elementos da cultura pop, em especial, a música (pois apareceu em muitas respostas), como estabelecadora e fortalecedora desse contato.

Responda somente se for LGBTQIA+. Você acredita que possui certa afinidade, ainda que mínima, com a língua inglesa?

32 respostas

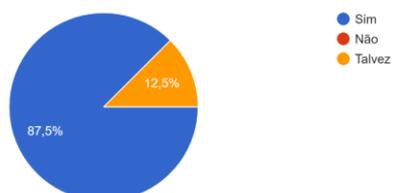


Gráfico 9: Afinidade com a LI entre os participantes LGBTQIA+

Responda somente se for LGBTQIA+. Você acredita que você e seus semelhantes possuem maior simpatia com a língua inglesa em comparação com pessoas fora do meio, que estão dentro dos padrões da heteronormatividade?

32 respostas

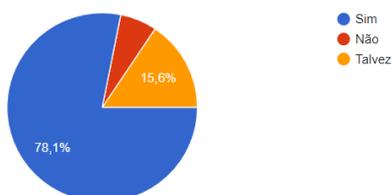


Gráfico 10: Maneira como participantes LGBTQIA+ veem a si e seus semelhantes com a LI.

Se você for LGBTQIA+, responda: Você se sente influenciado pela língua inglesa e a bagagem cultural que ela transmite?

32 respostas

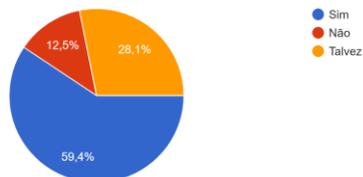


Gráfico 11: Possível influência da LI em participantes LGBTQIA+

Caso seja LGBTQIA+ e respondido o item anterior positivamente, explique como você percebe a influência que o inglês via cultura exerce em você.

24 respostas

Vindo de cantoras pop. Acredito que muitos homossexuais se identificam com elas, principalmente em canções onde a letra remete ao homossexuais. Exemplo: Born This Way da Lady Gaga.
Através de músicas e divas pop
Desde os sonhos e imaginário que foi moldado pelas séries e filmes produzidos nos EUA e UK que cresci vendo, até o jeito de falar, gírias, danças, as pessoas que convivo (que partilham os mesmos gostos).
Pela arte, como a música por exemplo
Consumindo muito mais a cultura estrangeira do que nacional
A maior influência se dá através da cultura POP dos EUA (artistas, músicas, filmes, séries, ...).
Através dos termos sobre a nossa comunidade.
nossa comunidade é muito apegada a bolha do pop, desde muito novos nos inserimos nesse meio, e sempre que falamos em pop vem em nossa mente o apop (american pop)

Gráfico 12: Maneira como os participantes percebem a influência da LI.

Os gráficos de 9 a 12 foram direcionados estritamente para as pessoas LGBTQIA+ que respondessem o formulário. Era importante coletar a percepção deles com a relação pressuposta de afinidade com a LI, e a grande maioria não só afirmou que percebe isso sobre si, como também percebe essa relação acontecendo com os semelhantes. Os gráficos 11 e 12 se revelam, também, como provas dessa conexão, apontando que 59,4% se sentiam influenciados pela LI e 28,1% talvez se sentiam, e, novamente, a cultura pop está presente, dessa vez, de forma mais específica: música e divas pop.

Através do contato com pessoas LGBTQIA+, como amigos, por exemplo, você percebe que essas pessoas sofrem influência de elementos culturais que a língua inglesa traz consigo?

60 respostas

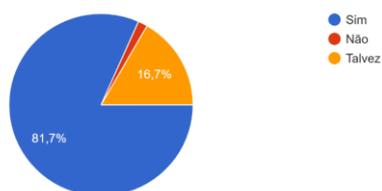


Gráfico 13: Percepção da influência da LI para com pessoas LGBTQIA+

O quanto você concorda com a afirmação: "Percebo que pessoas próximas a mim da comunidade LGBTQIA+ são muito adeptas à cultura pop"

60 respostas

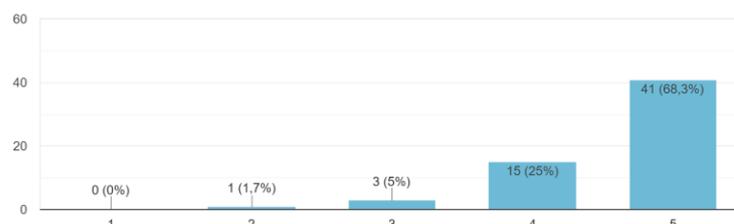


Gráfico 14: Percepção dos participantes quanto às pessoas próximas que são LGBTQIA+ e cultura pop.

O quanto você concorda com a afirmação: "Percebo que pessoas próximas a mim que são membros da comunidade LGBTQIA+ possuem certa afinidade com a língua inglesa."

60 respostas

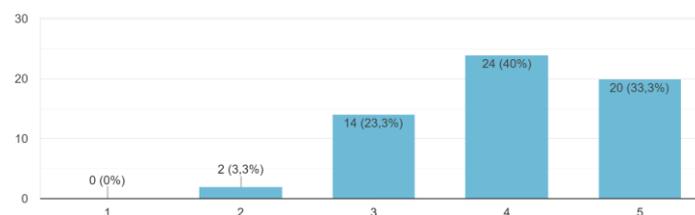


Gráfico 15: Percepção dos participantes quanto às pessoas próximas que são LGBTQIA+ e a LI.

O quanto você concorda com a afirmação: "Percebo que pessoas próximas a mim que são membros da comunidade LGBTQIA+ são muito fãs de cantores de língua inglesa, principalmente do meio pop musical."

60 respostas

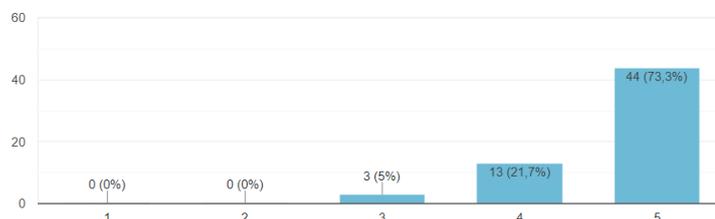


Gráfico 16: Percepção dos participantes quanto às pessoas próximas que são LGBTQIA+ e seus ídolos

O quanto você concorda com a afirmação: "Percebo que pessoas próximas a mim que são membros da comunidade LGBTQIA+ são muito antenadas no mundo pop, especialmente tratando-se de cantoras, as ditas *divas do pop* ou *pop divas*."

60 respostas

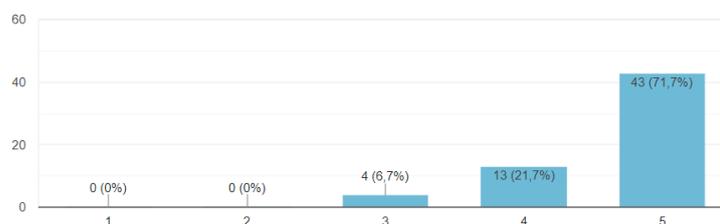


Gráfico 17: Percepção dos participantes quanto às pessoas próximas que são LGBTQIA+ e a simpatia com cantoras.

Assim, com base nos dados acima, a discussão linguística é fomentada, uma vez que expomos um fator motivante entre determinada língua e seus possíveis falantes, propiciando novas interpretações no âmbito linguístico-cultural. Os gráficos de 13 a 17 foram direcionados ao grande público, ou seja, pessoas não-*queer* também poderiam responder, e trazem uma noção importante: não apenas os *sujeitos queer* conseguem perceber a afinidade com a LI entre eles mesmos, mas pessoas heteronormativas também, afinal, 81,7% do público geral afirmou perceber que pessoas LGBTQIA+ próximas a elas eram influenciadas por elementos oriundos da LI, mostrando, também, percepções mais diretas acerca dessa relação, como mostram os gráficos de 14 a 17. É importante destacar que os gráficos 16 e 17 reforçam mais ainda a ideia de músicas e artistas (*divas do pop*, principalmente) como contribuintes para que, de fato, os *sujeitos queer* possuam maior afinidade com o inglês.

Por conseguinte, podemos refletir sobre efeitos dessa relação, como o impacto que a língua exerce sobre o grande público (haja vista que a pesquisa também deu margem para este, dentro de limitações que não ofuscassem os sujeitos principais) e, substancialmente, para *sujeitos queer*, os quais tendem a estarem sujeitos à marginalização imposta pela sociedade nos mais diversos âmbitos, inclusive o da educação. Abaixo anexamos outros gráficos que corroboram nossa discussão:

Se você for membro da comunidade LGBTQIA+ indique o quanto você concorda com a afirmação: "Encontro na cultura pop advinda da língua inglesa uma espécie de libertação e construção da minha identidade."

29 respostas

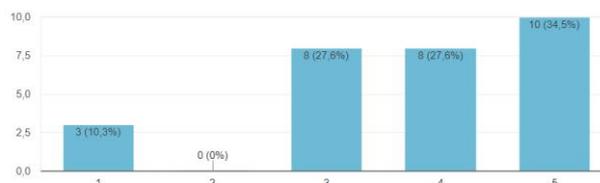


Gráfico 18: Percepções com a cultura pop das pessoas LGBTQIA+

Se você for membro da comunidade LGBTQIA+ elenque os elementos da cultura pop advinda da língua inglesa que você consome.

27 respostas

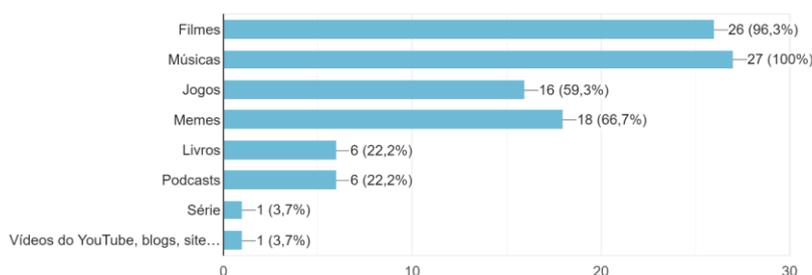


Gráfico 19: Elementos da cultura pop mais consumida pelos participantes LGBTQIA+

Os gráficos 18 e 19 são pontos que ratificam bem as nossas hipóteses anteriores: a cultura pop é o aspecto fundamental que conecta os *sujeitos queer* com a LI, em especial, através da música, pois em todas as perguntas que davam margem para ela, ela foi apontada e, no gráfico 19, dentre todos os elementos a serem elencados, a música foi elencada em 100% das respostas. Por fim, nos gráficos finais, demos espaço para as subjetividades dos participantes quanto à forma que a LI se faz presente em suas vidas

Por fim, caso você seja *membro da comunidade LGBTQIA+* explique brevemente como a língua inglesa faz parte da sua vida e se você enxerga essa relação como algo positivo ou não.

24 respostas

Com certeza positivo! Muitos namoram/casam sendo fãs de uma mesma cantora pop, conheço também pessoas que jogam jogos on-line que também já se relacionaram.

Como comentei antes, os produtos culturais de países anglófonos influenciaram meu imaginário e meus sonhos desde criança, tanto em livros, filmes ou séries, me fazendo sonhar visitar esses lugares (e tive o prazer de visitar um dos países brevemente, foi como estar vivendo dentro de um sonho, parecia outra realidade, ver de perto aquilo tudo). Inglês me deu independência e maturidade, pois pude fazer meu dinheiro trabalhando com isso, me fez estudar melhor, pois busco conteúdos em inglês sem me limitar só no que é produzido no Brasil, e me fez ter boas amizades, principalmente na adolescência, com quem eu tinha afinidade pelos gostos parecidos (mesmo que hoje não seja mais tão próximas a essas pessoas, foram importantes na época)

É algo positivo, visto que une algo que eu gosto com algo útil pra vida.

A língua inglesa está presente em praticamente tudo que consumo no dia a dia e acho isso positivo

Gráfico 20: Respostas dos participantes LGBTQIA+ sobre o impacto da LI em suas vidas.

Por fim, caso você seja *membro da comunidade LGBTQIA+* explique brevemente como a língua inglesa faz parte da sua vida e se você enxerga essa relação como algo positivo ou não.

24 respostas

Utilizo a língua inglesa todos os dias. É por meio dela que tenho contato com pessoas de diferentes culturas e países. Acredito que esse contato é extremamente positivo.

Positivo, pois sou fã de muitas divas pop norte americana.

a língua inglesa se tornou uma questão de necessidade pra mim, seja pelo vínculo que criei com um nativo de língua inglesa, seja pelo consumo e afeição aos artistas apop que gosto de acompanhar. e sim, o inglês mudou bastante coisa na minha vida positivamente.

Percebo que em vários momentos do meu dia acabo tendo contato com a língua inglesa, principalmente na internet, onde vez ou outra aparece uma matéria jornalística em inglês, ou trechos de filmes e séries, músicas, etc.

Faz parte da minha própria identidade, de forma que apresento involuntariamente comportamentos presentes na cultura inglesa. E acredito que seja algo extremamente positivo

Faz parte por ser a língua dos colonizadores, por isso é impossível não ter contato ou não sofrer influência. Acho positivo por ampliar horizontes, no entanto acho negativo o fato de ser uma espécie de imposição por você "ter que saber inglês".

Gráfico 21: Respostas dos participantes LGBTQIA+ sobre o impacto em suas vidas, pt. 2

Se você não for membro da comunidade LGBTQIA+, sinta-se à vontade para descrever como a língua inglesa faz parte da sua vida e se você enxerga essa relação como algo positivo ou não.

17 respostas

Acredito ser uma necessidade no mundo corporativo hoje em dia. Além de também te deixar muito mais confortável com o mundo em si, pois toda informação nova sai primeiro em inglês!

tenho vários amigos de outros países e é fundamental o inglês para nossa comunicação, além disso, inglês é meio que uma língua universal, importantíssima para a comunicação com pessoas de outros países.

A língua inglesa faz parte da minha rotina todos os dias. Acredito que já é algo comum na vida das pessoas, por ser tida como a língua mais falada no mundo. Como brasileira, enxergo que com o conhecimento desse idioma, terei mais oportunidades, seja de estudo ou emprego. Pois, no meio universitário e de pesquisa em que estou inserida, é fundamental dominar o inglês.

Faz parte através do entretenimento, quando peio ou ouço música, mas tenho certeza que abre grandes portas e nos aproxima de conhecimentos de mundo e de outras culturas.

Gráfico 22: Respostas de participantes não LGBTQIA+ sobre o impacto da LI em suas vidas.

Se você não for membro da comunidade LGBTQIA+, sinta-se à vontade para descrever como a língua inglesa faz parte da sua vida e se você enxerga essa relação como algo positivo ou não.

17 respostas

A língua inglesa toma um espaço gigante na minha vida, não apenas por fazer parte do meu trabalho (english teacher), mas, sobretudo, porque me permite expandir as possibilidades para a aprendizagem, conhecer o mundo por outra perspectiva, ler, escutar, cantar e me comunicar em outro idioma. Além disso, por meio dela, conheço novas pessoas, culturas e faço o meu mundo muito maior.

Amo ouvir as músicas.

A língua está mais ligada com minha carreira profissional, estudo pois sei que será um diferencial grande.

o inglês pra mim sempre veio por meio de musicas, séries, filmes e até mesmo memes, e acredito que não só pra mim, já vi pessoas falando que aprenderam falar inglês apenas assistindo séries, então isso é muito importante, já que mais pessoas tem a chance de tentar esses métodos pra aprender mesmo que não façam curso, faculdade, intercâmbio...

O inglês de faz presente em minha vida através de filmes,séries,musicas. Vejo como algo positivo esse contato com a língua,já que é o idioma mais falado no mundo.

Meu maior contato com a língua inglesa é por meio das músicas e logo depois por meio de filmes e

Gráfico 23: Respostas de participantes não LGBTQIA+ sobre o impacto da LI em suas vidas, pt 2.

Essas percepções e discussões teóricas previamente comentadas permitem ponderar sobre processos e mecanismos linguísticos que são ativados, ainda que inconscientemente, pelas pessoas que se enquadram no contexto aqui discutido, bem como fatores intrínsecos à construção de identidades.

Considerações Finais

A imersão na língua inglesa e na cultura advinda dela é um fator comum a muitos sujeitos. Contudo, a partir das percepções e discussões teóricas previamente comentadas, é possível ponderar sobre processos e mecanismos linguísticos que são ativados, ainda que inconscientemente, pelas pessoas que se enquadram no contexto aqui discutido, bem como fatores intrínsecos a construção de identidades de cada indivíduo.

Isso é facilmente percebido nos casos de *listening* e *speaking*, ao consideramos que essas habilidades são frequentemente postas em ação por meio de músicas, que fazem com que um indivíduo simpatize com a letra e com quem a canta, conseqüentemente, o ouvinte passa a ingressar, mesmo que gradualmente, num campo cultural promovido pela LI.

Acrescentamos, ainda, a necessidade de renovação dos ambientes educativos, isto é, no quesito pedagógico, é de fundamental importância e responsabilidade dirigente e docente

a articulação de políticas e estratégias de métodos e abordagens para o ensino que contemplem a pluralidade dos estudantes, de forma a praticar efetivamente a inclusão, não apenas atestando, pois como Louro (1997) explica, a escola frequentemente oculta ou condena tudo que foge da cis-heteronormatividade, quando deveria ser um ambiente de acolhimento, não de ocultamento das individualidades. Além disso, como comprovam nossos dados, fica claro o quão útil pode ser para todos a adoção de elementos que integram culturalmente os *sujeitos queer*, estimulando o interesse pela LI e, portanto, a aprendizagem.

Estamos certos de que, ao estudar como a LI se desenvolve e como cria laços com um grupo social, contribuiremos para expansão de formulações que possam existir e, até mesmo, criar novas formulações sobre o estudo do inglês como língua estrangeira (maneira empregada no Brasil), contudo, esta proposta não caberia neste artigo, o que nos motiva a uma expansão do projeto para ter seu caráter contemplado em totalidade. Também entendemos que as sexualidades são múltiplas e cada pessoa tem sua individualidade, por isso optamos por uma pesquisa de campo sob o método quanti-qualitativo com jovens brasileiros que comportou, não apenas homo e heterossexuais (com recorte específico nos dados sobre sujeitos *queer*) mas contemplou em seus limites a pluralidade de uma população marginalizada pela sociedade, coletando diferentes perspectivas acerca do tema e obtendo resultados satisfatórios.

Referências

BUTLER, J. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo*. In: LOURO, G.(org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2018.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

GROSS, M, J. **The queen is dead**. *s/l*. The Atlantic, 2000. Disponível em: <[The Queen Is Dead - The Atlantic](#)>. Acesso em: 14 de outubro de 2022.

FERNANDES, C, Eduardo, A. **O desejo homoerótico no conto brasileiro do século XX**. São Paulo: Scortecci, 2015.

JENNEX, C. **Diva worship and the sonic search for queer utopia**. *Popular Music and Society*, 36:3, 2013, p. 343-359. Disponível em: <[Diva Worship and the Sonic Search for Queer Utopia: Popular Music and Society: Vol 36, No 3 \(tandfonline.com\)](#)>. Acesso em: 10.Out.2022.

LOURO, G, L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997, p. 37-86.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer a Questão das Diferenças. *In: 16º Congresso de Leitura do Brasil*, 2007, Campinas - SP. Anais eletrônicos, p. 1-19. Disponível em: <https://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/prog_pdf/prog03_01.pdf> Acesso em: 17 fev. 2023.

NORTON, B. **Identity and language learning: gender, ethnicity and educational change**. Harlow: Longman, 2000.

OLIVEIRA, J. M. Leituras queer / trans* da potência do rizoma gênero. *In: COLLING, Leandro (Org.) Dissidências sexuais e de gênero*. Salvador: EDUFBA, 2016, p. 111-114.

RICHARDS, Jack C; RODGERS, Theodore S. **Approches and Methods in Language Teaching**. New York: Cambridge University Press, 1999, p. 64-83

ROCHA, L. L. Letramentos queer na escola pública: performativizando uma pesquisa-ação. *In: III Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade, 2012, Campinas*. Anais Eletrônicos do III Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade, 2012. Disponível em: <[ROCHA_LUCIANA_LINS.pdf \(unicamp.br\)](#)>. Acesso em: 20 de agosto 2022.

SANTOS, J. L. **O que é cultura**. 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

SANTOS, T. R. **A música enquanto estratégia de soft power: uma análise da influência do pop norte-americano na difusão da língua inglesa nos anos 90**. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes) – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, PB, 2019.

SILVA, Lúcio. You better work. **Continente**, Pernambuco, ed. 265, p. 46-55, jan, 2023.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A pesquisa científica. *In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D.T (Orgs.) Método de pesquisa*. Porto Alegre, RS: UFRGS. 2009, p. 31-42.

SOARES, Thiago. (2014). **Abordagens Teóricas para Estudos Sobre Cultura Pop**. Logos. 2. 10.12957/logos.2014.14155. Disponível em: <(PDF) [Abordagens Teóricas para Estudos Sobre Cultura Pop \(researchgate.net\)](#)>. Acesso em 27 de novembro de 2022.

SOUZA, G. T. **A língua fora do armário: uma abordagem transviada no ensino de línguas estrangeiras**. Dissertação de mestrado (apresentada ao programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada) – Universidade de Brasília. Brasília, DF, 2020, p.140

SPENCER-OATEY, H. What is culture? A compilation of quotations. **Global People Core Concept Compilations**. 2012, UK. Disponível em: <[C \(warwick.ac.uk\)](#)>. Acesso em: 15 de agosto de 2022.